

Um Médico à Rasca

Comédia num acto

=

8 PERSONAGENS



edição da Livraria «LIZ»

1 9 6 0

3)
21.134.3-2 Mesquita, C
ES

Um Médico à Rasca

Um Médico à Rasca

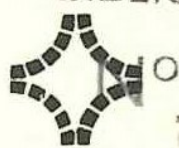
Comédia num acto

=

8 PERSONAGENS

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL



Nº 60052

Barcelosiana

Legado

Álvaro Arezes L. Martins

Edição da Livraria «LIZ»

1 9 6 0

Um Médico à Rusca

Comédia num acto

de PERSONAGENS

de DE BARCELONA

de 1724

80025

Antiga e Moderna

de 1724

1724

de 1724

Um Médico à Rasca

———— Comédia num acto ————

8 PERSONAGENS

A cena representa um consultório médico, com seus apetrechos, mesa, cadeiras, etc.

Médico	— 40	anos	
Patrocínio	— 20	»	— criado preto
José	— 50	»	— lavrador
Rebucata	— 40	»	— mulher cavaneira
Mudo	— 30	»	— doente dos intestinos
Rufino	— 30	»	— doente dos dentes
Braz	— 30	»	— moleiro
Polícia	— 40	»	

Quando abrir o pano, está só o Dr. no palco, a acabar de arrumar os estofos.

CENA I

DOUTOR — Ora até que enfim, que consegui, depois da minha recente formatura, arranjar um consultório médico.

Se tiver sorte — o que espero — poderei arranjar em breve boa fortuna, sim, porque a sorte é o indispensável na vida...

Esta rua é central, e os doentes não precisam de subir escadas. Fui meticoloso na escolha... que Deus me ajude...

(Olhando os utensílios) os meus utensílios são modernos e chegados agora da América do Norte e... não é para me gabar, mas também sou inteligente, capaz dum desempenho clínico à altura de qualquer circunstância.

Lá por Coimbra, onde a minha formatura demorou tantos anos, chamavam-me o cabeça de nabo, só por eu gatar... ora bolas, não dão as peles de raposa tanto dinheiro? A questão é que os velhos lá em casa tenham bagalhoça suficiente para mandarem ao cábula do filho. E quantas vezes eu tive que recorrer ao prego, empenhando a capa e a batina, o relógio e as botas, as mantas e tudo que podia... que vida por Coimbra a dum estudante não-te-rales... Bem... agora para principiar esta minha distinta profissão, vou mandar buscar uma garrafa de champanhe. (chama) Patrocínio... ó Patrocínio. Estes criados pretos são muito brutinhos (aparte) se calhar está a dormir! Diabos levem a doença do sono e mais quem me impingiu este brasebú. (chama) Patrocínio... ó rapaz?

CENA II

PATROCÍNIO — (de fora). Siô.

DOUTOR — Anda cá alma negra.

PATROCÍNIO — (de fora) Eu já ir siô. (aparece) Chamar patrão?

DOUTOR — Ainda perguntas. Sabes onde fica a loja do senhor Zeca Brito?

PATROCÍNIO — (admirado). O siô dizer cabrito?

DOUTOR — (zangado) Zeca... Brito, palerma. Nunca foste ao armazém que este senhor possui ao fundo da rua?

PATROCÍNIO — Não siô... mas preto procurar esse cabra.

DOUTOR — Que cabra, que cabra, não compreendes nada.

O homem de que te falo, não é do reino animal. É um cavalheiro como eu.

PATROCÍNIO — Ah... perceber agora meu siô. Eu ir rua abaixo, olhar bem para as chitacas lojas e quando vir cabrito branco já saber que é aí.

DOUTOR — (exaltado) Que dizes, alma do diabo!?

PATROCÍNIO — (assustado) Eu não dizer cabra... dizer cabrito branco e ser gente como o siô.

DOUTOR — Confundes tudo desgraçado, o tal senhor de que falo, é um comerciante chamado José Brito.

PATROCÍNIO — Ah! Perceber é aquele bicharoco muito gordo que me vender o bananas.

DOUTOR — É, é. É esse mesmo.

PATROCÍNIO — (aponta o olho direito) E ele já não tem este olho.

DOUTOR — É isso, não tem o olho direito. Cegou.

PATROCÍNIO — Coitado! Eu ir lá num pinote.

DOUTOR — Bem: toma nota do que te vou dizer. Vais então lá buscar uma garrafa de champanhe e que ponham na minha conta: Dize-lhe que é para o Doutor Garrafeira.

PATROCÍNIO — Oh patrãozinho... branco não querer fiar mais garrafas ao Dr. Garrafeira. Dizer que Dr. Garrafeira engarrafa as garrafas.

DOUTOR — Vai alma dum cão que te arrebento.

PATROCÍNIO — (assustado) Ai ai ai... patrão não bater (sai).

DOUTOR — (só) A sede custa a sofrer...

Eu bem sei que devo já bastantes garrafas a esse comerciante... mas... que lhe hei-de fazer.

As economias andam baixas e a secura não me larga... Talvez que apareçam clientes, e depois pagarei tudo... (batem à porta).

Quem é que chama?

LAVRADOR — (fora) Com um raio... sou eu ó... Quem é que há-de ser.

DOUTOR — (dentro e aparte) Boa resposta não haja dúvida. (vai abrir)

LAVRADOR — (à porta) Arre diabo... caramba! P'ra que tem bomecê a porta fechada?

CENA III

DOUTOR — (aparte) Já estou a ver a força deste lavrante. (ao lavrador) Oh senhor, é da praxe.

LAVRADOR — É de quem? Antão a porta não é sua!

DOUTOR — (aparte) Valha-me Deus. (ao lavrador) Eu quando disse da praxe, quis dizer que é mais decente as portas dos consultórios médicos, estarem cerradas.

LAVRADOR — (*aproximando-se da porta*) Mas esta porta não está serrada como bomecê diz!?

DOUTOR — O senhor não compreendeu a minha explicação. Eu quando disse cerrada, quis dizer encostada, fechada...

LAVRADOR — (*enfasiado*) Isso pouco me interessa. (*aparte*) Bocêses é que sabem tudo.

DOUTOR — Então que deseja?

LAVRADOR — Eu cá não desejo nada. O senhor é médico num é?

DOUTOR — Sou sim senhor, para o servir.

LAVRADOR — (*aparte*) Omela! P'ra servir... (*ao médico*) Antão os médicos tamem servem?! Eu tenho lá em casa o Xico Zarôlho a servir e não quero mais criados... (*aparte*) Havia de ser bonito este tirone de casaca branca amarrado às rabiças do arado!

(*ao médico*) Vá chamar pai a outro.

DOUTOR — (*aparte*) Valha-me Deus. Eu quando disse para o servir (*pausadamente*) era para o servir em alguma doença que porventura tenha...

LAVRADOR — Ah... isso está bem. Pois para isso fui que aqui vim.

DOUTOR — (*atencioso*) O senhor então de que se queixa?

LAVRADOR — (*apalermado*) Quem se queixa é que larga a ameixa.

DOUTOR — (*com paciência*) Vamos diga.

LAVRADOR — Descurpe, mas cá a gente diz assim.

DOUTOR — (*com paciência*) Faz favor de dizer.

LAVRADOR — Olhe, lá a minha mulher diz que eu ando com a atriz.

DOUTOR — (surpreso) Com quem. Com quem? Qual atriz?!

LAVRADOR — (apalermado) Eu sei lá que raio é isso...

DOUTOR — Então foi calúnia, antes assim. O senhor com essa idade não se mete nessas coisas... não acredito. (aparte) E logo uma atriz! Também lhe devo dizer, que não é um médico que remedeia essas coisas.

LAVRADOR — (admirado) O quê!? Não é? Então bocêses para que é que servem?

DOUTOR — Ó senhor, essas doenças que apresenta, são doenças do coração, de amor...

LAVRADOR — (exaltado) Qual coração, qual amor, qual carapuça. Da atriz, é que diz lá a minha Chaquina. Bomecê não vê as minhas fáceas da cor das gemas dos ovos chocos?...

DOUTOR — (aparte) Valha-me Deus. (ao lavrador) A ver se nos compreenderemos. O senhor afinal, que sente?

LAVRADOR — Franqueza, franquezinha, não sinto nada. Quer dizer, às vezes sinto estes malditos tamanhos a apertar os calos.

DOUTOR — Ó homem... eu, neste consultório não trato as doenças que o senhor apresenta.

LAVRADOR — (aborrecido) Essa é boa... então quem era um cara enfarruscada que saiu daqui agora?

DOUTOR — É o Patrocínio, meu criado preto.

LAVRADOR — Pois foi esse pedaço de carvão que me impingiu para aqui, dizendo que bomecê curava tudo... tudo.

DOUTOR — Tudo... não. Doenças de amor e socos que apertam calos, não é este médico que satisfaz.

LAVRADOR — Com trinta milhões de sapos e saramelas, ou bomecê me atende ou... (*aparte*) ficará sabendo quem é o Zé das Porcas (*mostra o varapau*) gosta desta marmelada?

DOUTOR — O que me havia de aparecer. (*aparte*) Para principiar não está mal. (*alto*) O senhor não tem outra doença?

LAVRADOR — (*admirado*) Omela! Ainda queria outra doença? Então a actriz ainda é pouco! (*aparte*) Rais me parta se eu percebo os médicos. (*ao Dr.*) Olhe sabe que mais, bomecê de actrizes não sabe nada... nada.

DOUTOR — Nem de actrizes nem de actores. Não gosto de teatro, nunca representei, nem quero.

LAVRADOR — (*admirado*) Essa é boa! Não sabe representar, então que está aqui a fazer? Só para levar as lecas à gente? Ora então ponha-se fora daquela porta e não demore, antes que a mostarda me suba ao nariz.

DOUTOR — (*aparte*) Só faltava mais esta! E que remédio terei com semelhante alarve, se não saio, apanho alguma saraivada de coices. (*ao lavrador*) O seu abuso é enorme! Vou chamar a polícia. (*sai*)

LAVRADOR — Se não saíesses eu dava-te a polícia... Estes homens das cidades só servem para nos chamarem parolos. (*batem à porta*) (*lavrador com voz arras-tada*) Quem é que abra...

CENA IV

PATROCÍNIO — (de fora, admirado) Cabra! Que cabra? Cabrito Siô. E do seu Zeca Brito.

LAVRADOR — (dentro) Um cabrito!... Eu bem me pareceu que isto aqui era uma botica de alimárias... porisso o «beternairo» não me percebeu!... (abre a porta) É lá seu alma negra, seu mafarrico. És tu que bates? (entrando ambos) Que queres? Aonde tens esse cabrito?!

PATROCÍNIO — (admirado) Qual cabrito?! Preto, não trazer cabrito.

LAVRADOR — Cabrito, cabra ou cabrão ou lá o que disseste.

PATROCÍNIO — (assustado) Patrocínio vir da casa de branco Zeca Brito e trazer garrafane de lixivane para patrane.

LAVRADOR — Catána! Tu há pouco disseste que aqui se curavam todos os males, e afinal teu patrão ou lá o que é, não sabe de nada...

PATROCÍNIO — Patrão onde estar?

LAVRADOR — Fugiu ó... senão (mostra o pau)

PATROCÍNIO — (desviando-se) Siô castigar pretol...

LAVRADOR — Se tu não me arranjares remédio p'rá minha actriz, é claro que te racho a meio...

PATROCÍNIO — Preto arranjar... onde ter a coisa?

LAVRADOR — O quê?!...

PATROCÍNIO — Onde ter a tal atrize.

LAVRADOR — Onde há-de ser. No olho.

PATROCÍNIO — (procura) Eu procurar...

LAVRADOR — (apontando a vista) aqui burro.

PATROCÍNIO — (olhando muito apalermado) Eu ver olho negro de patrão branco.

LAVRADOR — Negro não. Amarelo é que é. (mostra a vista) Isto que vês a modos que gemas de ovos, é a tal actriz. Percebes?

PATROCÍNIO — (saltando contente) Perceber, perceber bem.

LAVRADOR — Então, procura aí algum pó que me cure e que não doia. Anda estafermo de negro.

PATROCÍNIO — Eu procurar, eu procurar (procura nos frascos ali arrumados e encontra um com pó preto) Pronto, preto topar remédio (ao lavrador) patrão sentar no cadeiro.

LAVRADOR — (senta-se) Carrega bem desse ingrediente para eu não tornar cá.

PATROCÍNIO — Preto carregar muito (coloca-se por trás da cadeira como fazem os barbeiros e pinta a cara ao lavrador. Quando julgar que baste, aproxima-se pela frente e diz esfregando as mãos) Aí... ó... branco estar igual a mim...

LAVRADOR — (levanta-se) Raça... «que inté» já me sinto melhor. (saindo) Amanhã procura-me. Sou o Zé das Porcas e pago-te. Adeus o obrigadinho.

PATROCÍNIO — Sim sinhô, amanhã procurar Porcas. (só) Patrão não vir! Sou eu o médico e beber a lixivane (olha a garrafa e bebe) ah... lixivane ser bom. Ah...

CENA V

DOUTOR — (entra) Despachaste aquele lavrador?

PATROCÍNIO — O da actriz?

DOUTOR — Actriz chamava-lhe esse parvo, mas o nome científico é ictericia.

PATROCÍNIO — Eu curar olho com pó.

DOUTOR — (surpreendido) O quê! Que fizeste?

PATROCÍNIO — Ele querer matar preto...

DOUTOR — Ó miserável, que esse pó preto era para pintar os sôcos do corredor...

PATROCÍNIO — Eu pintar cara dele, e ele fugir pelo corredor com os socos...

DOUTOR — És muito estúpido... Sai daqui para fora.

PATROCÍNIO — Eu sair. (sai apertando a barriga)

DOUTOR — Afinal o preto foi mais esperto do que eu. Pintou-lhe a cara e despachou-o. Sempre aparece cada trambalasaina... Agora vamos ao champanhe. (olha a garrafa) O quê! Isto é lixivia! Maldito preto. (Repara de novo) e já lhe falta um pouco! Meu Deus... que brutinho este meu criado. Bebe lixívia supondo outra bebida! (chama) Patrocínio ó Patrocínio.

PATROCÍNIO — (dentro) Siôôô... eu morrer.

DOUTOR — Anda cá depressa.

PATROCÍNIO — Eu rebentar patrãozinho.

DOUTOR — Anda cá, desgraçado...

PATROCÍNIO — (entra) Tripas querer fugir do barriga.

DOUTOR — Que fizeste rapaz?

PATROCÍNIO — Eu beber lixivane e lixivane matar Patrocínio.

DOUTOR — (pegando numa garrafa e num copo) Toma este vomitório.

PATROCÍNIO — (choramingando) Eu não querer mais lixivane, patrão não matar preto (ajoelha) Preto ser pobre desgraçado. Patrão perdoar a Patrocínio e Patrocínio ser amigo de patrão branco. Piedade por amor de Deus.

DOUTOR — (levantando-o) Toma que é um remédio para te melhorar.

PATROCÍNIO — (bebe) Deus lhe pague siô...

DOUTOR — Agora vai descansar um pouco, anda...

PATROCÍNIO — (triste e saindo) Adeus patrãozinho... eu ir morrer peço que dizer a mãe preta que Patrocínio finou e estar no Céu.

DOUTOR — Sim rapaz... vai.

PATROCÍNIO — (Sai a choramingar).

DOUTOR — (Só, comovido) Pobres inocentes... A curiosidade é o pecado deles! São pretos, mas têm a alma branca e pura. Tenho pena duns desgraçados assim... que Deus os proteja.

(batem à porta) Quem é?

CENA VI

REBUCATA — (junto à porta) Sou eu senhor Dr.

DOUTOR — (que está revistando alguma coisa)
Entre se faz favor.

REBUCATA — (entrando) Com sua licença.

DOUTOR — Faz favor...

REBUCATA — Muito agradecida. Eu vinha aqui consultar o senhor Doutor, por ter ouvido gabar muito as qualidades de V. Ex.^a. Por isso subi.

DOUTOR — (aparte) Que mentira! E depois?...

REBUCATA — «óspois» como ia dizendo, subi cá arriba... e «bái» «óspois antão» cá estou.

DOUTOR — (enfasiado) Sim, já vejo, e que deseja?

REBUCATA — (com tristeza) Olhe senhor doutor, eu sou p'rá aqui um caco, geme que geme, morre que morre, mas, graças ao Pai do Céu (ergue as mãos) ainda cá estou. Num é verdade senhor doutor?

DOUTOR — Parece-me que sim! (olhando a mulher) A não ser que seja uma alma do outro mundo, ou algum fantasma...

REBUCATA — (assustada) Ta renego... eu um fantasma! (benze-se) Cruzes canhoto senhor doutor. Eu sou uma «estátua» como V. Ex.^a...

DOUTOR — Como eu... vírgula, e mais, ponto final e acabou.

REBUCATA — Senhor Dr. «descurpe». Mas eu tenho um «nebrôso»... acabou. Faz favor de ver a minha moléstia.

DOUTOR — (*mais sereno*) Então que tem?

REBUCATA — Tenho três doenças, senhor doutor. Que «desinfelicidade» a minha (*começa a chorar*).

DOUTOR — Tenha paciência. Como sabe que são três doenças?

REBUCATA — Então V. Ex.^a julga-me alguma trouxe? Eu sei bem o que tenho... o que não sei é do remédio para me curar. Foi por isso que vim aqui ter, na esperança que o senhor doutor vai acertar...

DOUTOR — Muito bem (*aponta a cadeira*) sente-se ali.

REBUCATA — (*admirada*) Para quê senhor Dr.?!

DOUTOR — Para a auscultar senhora.

REBUCATA — (*com receio*) Não pode ser a pé?

DOUTOR — (*aparte*) Deus me ajude... (*a Rebucata*) A senhora não veio aqui para eu descobrir a sua doença?

REBUCATA — Mas não queria que me descobrisse.

DOUTOR — A senhora para que veio aqui?

REBUCATA — Para ver se V. Ex.^a dava remédio para as minhas três doenças.

DOUTOR — (*admirado*) Como sabe a senhora que são três as suas doenças!?

REBUCATA — Sei isso porque o afirmou a ti Virgínia Bicheira.

DOUTOR—Quem é essa mulher?

REBUCATA—Cruzes Anjo Bento... «Antão» não sabe!

É uma mulher de virtude senhor doutor...

DOUTOR—Sendo assim porque a não curou ela?

REBUCATA—Ó senhor doutor, eu não quero lá tornar porque ela uma vez defumou as minhas camisas com «ervas bentas» e só dizia sapo sapoilo p'rá qui, sapo sapoilo p'rá li...

DOUTOR—...eu aqui não uso disso... se quer continuar com benzedeadas de porcarias, saia deste consultório...

REBUCATA—Ó senhor doutor, eu não quero lá tornar... o fumo daquelas ervas enojou-me a «stámega» e a fogueira pelou-me os presunhos e queimou a barra da melhor saia que tinha. Olhe que já era da avó da minha avó! (com muita admiração) Ó senhor doutor que rica saia eu tinha!...

DOUTOR—(aparte) Ainda hoje tem uma rica saia...

REBUCATA—Muito agradecida... pois, como ia dizendo, a tia Bicheira prantou-me aqui por trás das orelhas com umas bichas negras (aparte) catiba que coisa feia (cospe) e na barriga das pernas atou umas cataplasmas de linhaça... Ai senhor Doutor como a coisa pelava!

DOUTOR—E para que era isso!?

REBUCATA—Eu na maré, tinha um tressolho... mas para os tressolhos saírem, basta dizer assim... Tressolho mirolho, mira para aquele olho.

DOUTOR — (*rindo-se*) E era para isso?

REBUCATA — Não. O fumo das ervas, da rude e do absinto era para me livrar do mau olhado dessas feiticeiras que têm invejidade à gente...

DOUTOR — (*admirado*) Está bem, está bem. Isso então que diz, é uma das suas três doenças?

REBUCATA — É sim senhor.

DOUTOR — E as outras?

REBUCATA — A minha segunda doença é a Zipéla.

DOUTOR — (*admirado*) A Zipéla!? Que é isso?

REBUCATA — Eu sei lá, não deve ser coisa boa...

DOUTOR — Está bem. E a terceira?

REBUCATA — Ó senhor Doutor. A terceira é a piorzinha.

DOUTOR — Então que é?

REBUCATA — (*começa a chorar*) É uma «ursa»... eu tenho uma ursa na «stámega».

DOUTOR — O quê!? (*rindo*) como é que essa fera foi para aí?

REBUCATA — (*choramingando*) De dia não foi. E de noite durmo sempre com a boca fechada e com as mantas cobertas. Não sei como esse estardalhão entrou cá para dentro.

DOUTOR — Sim senhor... (*rindo*) Já sei qual é uma das suas doenças...

REBUCATA — Graças a Deus. Então já topou uma! Bem dizia o povo que o senhor Doutor era

muito entendido e não levava nada à gente... a gente «tamem» é pobrezinha.

DOUTOR — Mau mau. (*aparte*) Ainda mais esta. (*aponta uma cadeira*) sente-se ali.

REBUCATA — (*com receio*) Ó senhor Doutor, que vai fazer!?

DOUTOR — Ó mulher, se quer curar-se, sente-se ali.

REBUCATA — (*Senta-se*)

DOUTOR — Puxe a roupa para cima.

REBUCATA — (*assustada*) A saia «tamem»?

DOUTOR — (*aparte*) Valha-me Deus. (*à mulher*) É a primeira vez que a senhora procura um médico?

REBUCATA — É sim senhora, eu só ia à Tia Bicheira... e olhe que era muito entendida, até cortava com uma navalha da barba o feroto às bichas dos rapazes, pelas costas! (*aparte*) e a mim nunca me puxava a roupa.

DOUTOR — Parvoíces... vá, puxe a blusa.

REBUCATA — (*desaperta-se um pouco, e puxa que puxa saindo umas enormes fraldas de camisa*).

DOUTOR — Chega... chega (*encosta o aparelho*).

REBUCATA — Ui que coisa fria senhor doutor.

DOUTOR — Quieta e calada.

REBUCATA — Ai que cócegas... não mexa mais.

DOUTOR — (*irritado*) Ou está quieta e calada ou mando-a já embora...

REBUCATA — (*faz gestos de cócegas*)

DOUTOR — Diga trinta e três.

REBUCATA — Trinta e três senhor doutor.

DOUTOR — Continue...

REBUCATA — Trinta e quatro, trinta e cinco, trinta e seis...

DOUTOR — Deus me dê paciência. Ó senhora diga só trinta e três.

REBUCATA — (repetindo) Ó senhora diga só 33.

DOUTOR — (irritado) Irra que é parva! Diga só o número 33, 33, 33,...

REBUCATA — (com voz pausada) Trinta e três, trinta e três, trinta e três...

DOUTOR — (zangado) Chega, chega. Levante-se e vista-se.

REBUCATA — (apalermada) Viu a ursa sr. doutor? (aparte) Ai que estardalhão se havia de meter comigo. (ao médico) O senhor doutor não pode amarrar essa malvada? (aparte) Ai que desgraçada eu sou! (ao médico) Agora esse bicho é capaz de escangalhar o meu rico corpinho... Porque a não amarrou?

DOUTOR — (que tem estado entretido) Como? Que diz?! A senhora é doida, ou faz-se.

REBUCATA — «Descurpe» senhor doutor. Mas a gente cá na aldeia quando quer amarrar um bichinho assim mau, fala-lhe muito mansinho e diz assim: anda cá amorzinho, dá-me a tua cabecinha... e o animalzinho vem! Mas se não vem e arrebita o rabo e foge, nós «antão» ficamos com o «nebroso» e gritamos com as mãos nas «rens» (diz alto) aí ó nova que vais perra...

DOUTOR — (*aparte e zangado*) Meu Deus, isto aqui será consultório de malucos? (*alto a Rebucata*) Ó mulher, vá-se embora.

REBUCATA — E que doença me encontrou?

DOUTOR — (*irritado*) Encontrei simplesmente uma.

REBUCATA — (*admirada*) Só uma?! E a Tia Bicheira teimava que eu tinha três. Olhe senhor doutor, ela que vá para a pata que a lamba a mais o que sabe. (*aparte*) Uma doença só, ainda vá. (*ao médico*) E então que é?

DOUTOR — Que há-de ser. Fraqueza, muita fraqueza no miolo, nesse testo...

REBUCATA — (*soindo*) Obrigada senhor doutor. Até já vou mais aleviadinha. (*sai*)

DOUTOR — (*só e passeando*) Sim senhor... posso-me gabar que tenho boa clientela! Para tudo é preciso sorte. Assim estou bem servido... Para que serve estudar-se muito, gastar-se rios de dinheiro pelas Universidades, se depois é isto que se vê!... (*ouve-se bater à porta*) Faz favor de entrar.

CENA VII

MUDO — (*entra com a cara muito triste*)

DOUTOR — Então que deseja?

MUDO — (*faz gestos que lhe doi a barriga...*)

DOUTOR — (*aparte*) Agora aparece-me um mudo! Como vou eu arranjar de o compreender? Valha-me Deus! (*ao mudo, colocando-lhe a mão sobre a barriga*) Doi-lhe a barriga?

MUDO — (afirma que sim com a cabeça e faz gesto de sentar-se)

DOUTOR — Quer sentar-se? (puxa uma cadeira)

MUDO — (desvia a cadeira e por gestos e gemidos quer fazer compreender que tem diarreia) Pum, pum.

DOUTOR — Ah... Já percebo. Tem os intestinos avariados.

MUDO — (faz mais gestos e gemidos a querer dizer que os intestinos estão muito avariados)

DOUTOR — (sorrindo) Está bem, está bem. Eu arranjo um remédio disso temperar. (passa uma receita) Não é mais nada?

MUDO — (tosse fraquinho)

DOUTOR — Tem tosse? Anda fraco do peito. Está bem. Eu receito-lhe um peitoral e isso afina. (passa a escrever na receita quando batem à porta) Faz favor de entrar.

CENA VIII

PATROCÍNIO — (entra muito hirto) O siô querer Patrocínio?

MUDO — (ao ver o preto chegar esconde-se com medo por trás do médico e dá berros fugindo depois)

CENA IX

DOUTOR — Fugiu!... Bagatela. Este cliente também pouco interessava, e eu de mímica nada percebo. Olha rapaz, já vejo que estás melhor. Tu hoje já me salvaste por duas vezes, de certos apuros. (dá-lhe di-

nheiro) Toma esta gorjeta e fica aqui um pouco que eu vou ali ao correio e já venho. Se vier alguém, dize-lhe que espere um pouquinho. (sai)

PATROCÍNIO — (só) Patrocínio ficar só (chega-se ao espelho e faz caretas) Preto também ser gente e saber curar branco... (raciocinando) Patrão sair... preto saber receitar... (faz gestos e conta pelos dedos) Dor na cabeça, deitar linhaço barrigo de pernas, (gesto) cara larga é tesorêlho... borbulhaço é serampêlo e... ser careca é falta de cabelo (salta) preto saber curar branco... preto saber curar branco. (batem à porta)

Quem bater porta que entrar, preto saber curar.

CENA X

RUFINO — (entra com a queixada atada) Eu quero tirar um dente. O senhor doutor aqui também sabe tirar dentes?

PATROCÍNIO — Doutor não estar, mas preto «támem» saber arrancar...

RUFINO — Então se sabe, arranque-me este mal-dito que eu morro com dores...

PATROCÍNIO — (aponta uma cadeira) Senhor sentar no cadeira (Rufino senta-se e Preto vai buscar fora umas cordas com que ata as mãos de Rufino à cadeira) Siô estar quietinho que preto arranca depressa esse dentório (vai fora, e entra com um ferro, um martelo e umas grandes tenazes).

RUFINO — (assustado) Para que é isso, miserável?

PATROCÍNIO — (acalmando-o) Branco não ter medo. preto arrancar sem doer.

RUFINO — Vê lá, se me aleijas, estouro-te.

PATROCÍNIO — (deita álcool num prato, acende, e aquece as tenazes no fogo. Depois de alguns gestos aproxima-se do doente). Pronto... abrir essa bocarrana para caber este tenazório...

RUFINO — (abre muito a boca e depois diz) Eu só quero tirar um dente e essa estrobenga arranca-os todos juntos. Cuidado com a língua. (abre de novo a boca)

PATROCÍNIO — (gestos) Eu saber arrancar a língua...

CENA XI

DOUTOR — (entra) Que vejo meu Deus! Que ia fazer, pedaço de catinga?

PATROCÍNIO — Arrancar dentório com tenazório a este brancório.

DOUTOR — (dando-lhe um pontapé) Ponha-se na rua seu assassínio.

PATROCÍNIO — (aparte) Que pena chegar tão depressa... (sai)

DOUTOR — (desata Rufino) Você seu parvalhão, saia também já. É preciso ser muito pacóvio para consentir que um preto lhe introduza uma tenaz na boca para extrair um dente. (aponta a porta) Saia.

RUFINO — E levo outra vez o dente!?

DOUTOR — Leve o diabo seu estúpido. (empurra-o para fora) (ó e passeando) Pobre de mim... Tudo principia a correr mal, maldita hora que abri o consultório aqui... Ah!... Se isto assim continua, mudo o consultório para outro local... (batem à porta) Faz favor de abrir.

CENA XII

BRAZ — (*entra cambaleando*) Ó senhor doutor acuda-me pelas alminhas defuntas que eu estou perdido da cabeça e não me seguro nas pernas... Anda-me tudo à roda a fugir e perdi a minha casa...

DOUTOR — (*deitando as mãos à cabeça*) S. Cris-tóvão me acuda... (*aparte*) Agora aparece-me um borrachão...

BRAZ — Senhor doutor, quando aqui cheguei a distribuir as fornadas com a gerica da minha sogra (*aparte*) salvo seja, ainda me sentia bem. Depois fui matar o bicho á loja do Ti Zeca Brito, e aquela bagaceira virou-me o estômago...

DOUTOR — Sim sim. Eu estou a ver o estado em que se encontra! A bagaceira é a perdição de certos homens... incluindo moleiros.

BRAZ — Senhor Doutor, dê-me...

DOUTOR — Mais bagaceira?

BRAZ — Não senhor Doutor... Dê-me um remédio que me cure este peso da cabeça, senão morro.

DOUTOR — (*aparte*) Pouca perca...

BRAZ — (*Dando um vômito*) Ai senhor Doutor que me rebentam as tripas e... eu não posso procurar a burrinha da... minha sogra.

DOUTOR — (*irritado*) Ó homem ou lá o que é! Neste consultório não encontra calmantes para carras-panas dessa natureza. O melhor remédio tem-no em sua casa. É a cama, vá dormir...

BRAZ — (*insistindo*) Senhor Doutor, eu não sei da minha casa, eu vejo as casas todas a passar e decerto a

minha já passou... Para onde iria ela com a minha Fabiana e os meus ricos Fabianinhos!... (dá grande vômito) Ai raio que cheiro a feijões.

DOUTOR — (aparte) Que nojo meu Deus! Estou aqui estou a vomitar também...

BRAZ — (dá vômitos seguidos).

DOUTOR — (de longe) Saia lá para fora... saia lá para fora por essa porta.

BRAZ — (sai segurando a barriga).

DOUTOR — Ena pai, que cheiro a sarro aquele maldito deixou! E por pouco desarranja-me o meu organismo! Que nojo fazem estes borrachões!...

CENA XIII

POLÍCIA — (junto à porta) É aqui o consultório da clínica geral do Dr. Garrafeira?

DOUTOR — É sim. Que deseja?

POLÍCIA — Estão duas queixas na esquadra contra V. Ex.^a. É V. Ex.^a o médico não é?

DOUTOR — Sou.

POLÍCIA — Muito bem. Lamento muito mas tem que ter o incómodo de chegar ao posto.

DOUTOR — Se não se importa dizer-me, pode-se saber quais as queixas que levantaram contra mim?

POLÍCIA — Sim. pode. A primeira é dum tal senhor José das Porcas — lavrador abastado — a quem o senhor Doutor pintou a cara com pó preto fazendo dele um palhaço.

DOUTOR — Isso é mentira. Eu juro à face da lei que é mentirosa essa queixa contra mim. E qual é a segunda?

POLÍCIA — É dum tal Rufino Sarrafo de Pinheiro, que se queixa de o terem amarrado com umas cordas para lhes tirarem os dentes com umas tenazes de ferreiro.

DOUTOR — Pois esse Sarrafo de Pinheiro, que fraco sarrafo é, também falseou a acusação! Nem um, nem outro caso se passou comigo.

POLÍCIA — Não!? Então há outro médico cá dentro?

DOUTOR — (*exaltado*) Não é médico é um burro.

POLÍCIA — Senhor Doutor, não queira brincar com a autoridade. Eu fui amável com V. Ex.^a, e V. Ex.^a tem obrigação moral de me respeitar.

DOUTOR — Peço perdão. Mas eu tenho um criado preto que na minha ausência abusa do meu consultório e do meu nome.

POLÍCIA — Onde está esse sujeito?

DOUTOR — (*chamando*) Patrocínio ó... Patrocínio...

CENA XIV

PATROCÍNIO — (*entra*) O siô chamar?

DOUTOR — (*indica o Polícia*) Ouve esse senhor...

PATROCÍNIO — (*reparando no Polícia*) Ai o filha da mãe...

POLÍCIA — Pouca treta. Acompanhe-me à esquadra e verá lá quem é o filho da mãe.

PATROCÍNIO — (*foge*) Preto ir a correr.

POLÍCIA — (seguindo-o) Não fuja senão mato-o (sai).

DOUTOR — (só) Que embrulhada... Há só um remédio aqui a dar... Vou encerrar o consultório e abrir noutro local. (à assistência) Peço perdão a V. Ex.^{as} de tudo que se passou. E prometo escrever a todos, a comunicar o local exacto do meu novo consultório.

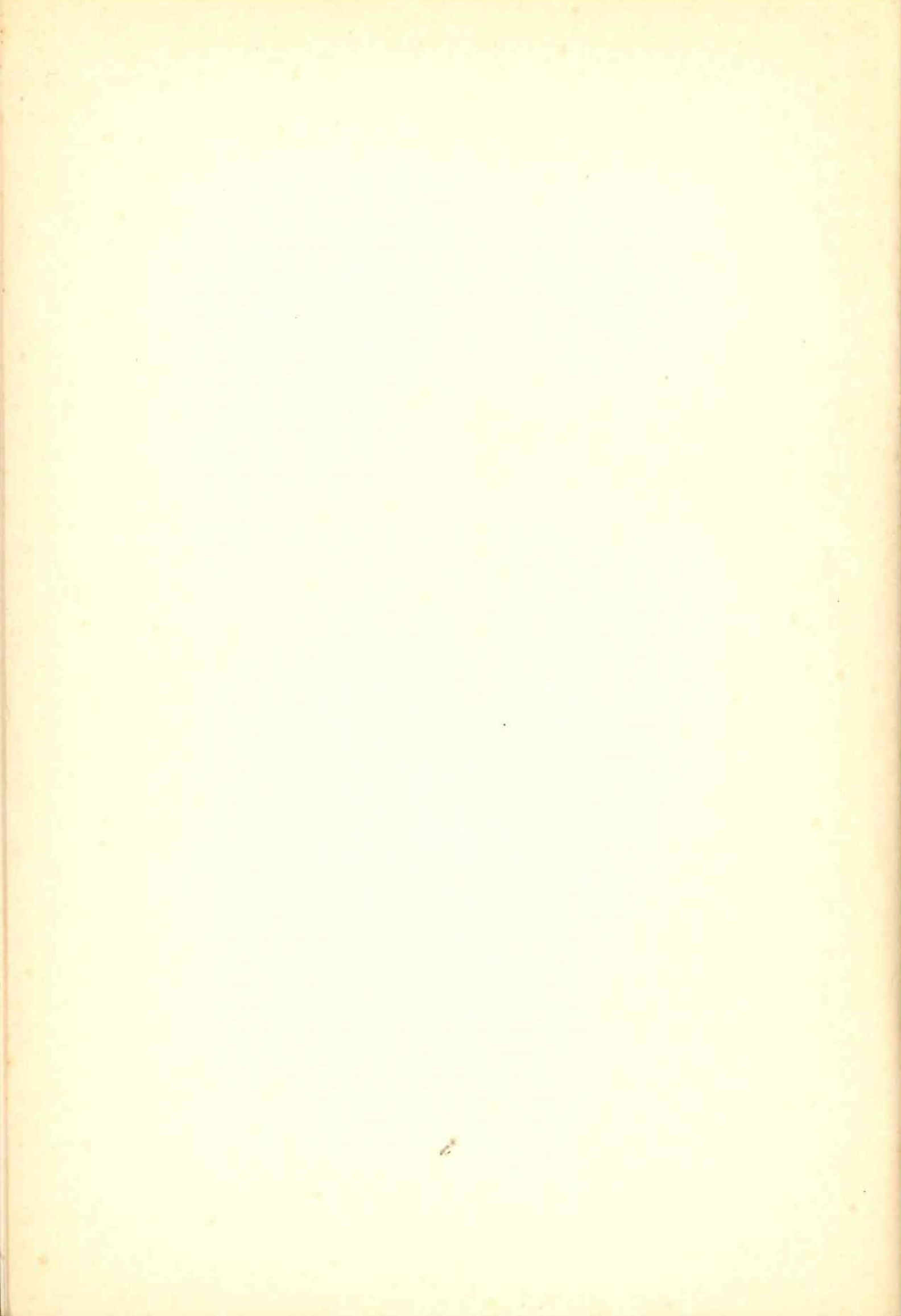
PATROCÍNIO — (entra a correr) E eu prometer ajudar branco a morrer.

F I M

Forjães—Esposende, Março de 1960

Dídimo Victor Hugo

1. The first part of the paper is devoted to a general discussion of the problem of the existence of solutions of the system of equations (1) for arbitrary values of the parameters α and β . It is shown that the system has solutions for all values of the parameters α and β if the function $f(x)$ is continuous and has a bounded derivative. The second part of the paper is devoted to a detailed analysis of the case when the function $f(x)$ is a step function. It is shown that in this case the system has solutions for all values of the parameters α and β if the function $f(x)$ is continuous and has a bounded derivative. The third part of the paper is devoted to a detailed analysis of the case when the function $f(x)$ is a piecewise linear function. It is shown that in this case the system has solutions for all values of the parameters α and β if the function $f(x)$ is continuous and has a bounded derivative. The fourth part of the paper is devoted to a detailed analysis of the case when the function $f(x)$ is a piecewise constant function. It is shown that in this case the system has solutions for all values of the parameters α and β if the function $f(x)$ is continuous and has a bounded derivative. The fifth part of the paper is devoted to a detailed analysis of the case when the function $f(x)$ is a piecewise linear function. It is shown that in this case the system has solutions for all values of the parameters α and β if the function $f(x)$ is continuous and has a bounded derivative. The sixth part of the paper is devoted to a detailed analysis of the case when the function $f(x)$ is a piecewise constant function. It is shown that in this case the system has solutions for all values of the parameters α and β if the function $f(x)$ is continuous and has a bounded derivative. The seventh part of the paper is devoted to a detailed analysis of the case when the function $f(x)$ is a piecewise linear function. It is shown that in this case the system has solutions for all values of the parameters α and β if the function $f(x)$ is continuous and has a bounded derivative. The eighth part of the paper is devoted to a detailed analysis of the case when the function $f(x)$ is a piecewise constant function. It is shown that in this case the system has solutions for all values of the parameters α and β if the function $f(x)$ is continuous and has a bounded derivative. The ninth part of the paper is devoted to a detailed analysis of the case when the function $f(x)$ is a piecewise linear function. It is shown that in this case the system has solutions for all values of the parameters α and β if the function $f(x)$ is continuous and has a bounded derivative. The tenth part of the paper is devoted to a detailed analysis of the case when the function $f(x)$ is a piecewise constant function. It is shown that in this case the system has solutions for all values of the parameters α and β if the function $f(x)$ is continuous and has a bounded derivative.





biblioteca
municipal
barcelos



60052

Um médico à rasca

Preço: